

Aluno versus Discípulo

O aluno

Eis a grande diferença entre o aluno e o discípulo na prática das Artes Marciais Chinesas: o aluno é aquele que apenas ouve a instrução, a doutrina, participa das aulas, dos exames de graduação, etc., porém, não as põem em prática, como disse o apóstolo Tiago: “Tornai-vos, pois, praticantes da palavra e não somente ouvintes...” Tg 1.22. O próprio Senhor Jesus comparou estes, àquele que edificou sua casa na areia (Mt 7.26).

Segundo o dicionário Aurélio, aluno é aquele que recebe instrução ou educação de mestre; já a definição para discípulo vai além de apenas receber ensino de alguém; é o que segue as idéias e doutrinas de outrem. Ou seja, o aluno apenas recebe a instrução sem necessariamente colocá-la em prática, todavia o discípulo além de recebê-la, segue as instruções e doutrinas na prática.

O aluno gosta de exigir muito, porém, quer pagar pouco. O aluno acha que porque está pagando uma mensalidade pode se atrasar, destratar o mestre e colegas. O aluno quer moldar a escola ao seu próprio jeito não se importando com o todo. O aluno reclama dos preços de mensalidades, cursos e etc. O aluno quer algo mágico, sem esforço. Ele não participa dos cursos, campeonatos, seminários porque acha que isso é perda de tempo e gasto de dinheiro desnecessário.

O aluno quer tirar muito do mestre e de seus colegas, mas não quer dar nada em troca. O aluno não avisa quando vai faltar, abandona a academia por qualquer motivo e ainda diz: “Já paguei né?” ou simplesmente finge que está tudo certo.

O discípulo

Por outro lado, o discípulo é aquele que coloca em prática o que aprendeu como Elizeu, que deixou tudo e disse a Elias: te seguirei e realmente o fez (1 Rs 19.20); e em cada circunstância dizia: tão certo como vive o Senhor e vive a tua alma, não te deixarei. 2 Rs 2.2,4,6. O discípulo passa a desenvolver características que são próprias do seu mestre; passa a segui-lo, a parecer-se com ele e imitá-lo. O apóstolo Pedro, mesmo negando o seu mestre, foi reconhecido porque era realmente um discípulo; embora estivesse em um momento de fraqueza, já havia passado alguns anos ao lado do Mestre e seguido de perto o seu ensino; já possuía características próprias do Senhor Jesus, que a própria criada testemunhou: “... a tua fala te denuncia” Mt 26.73.

O discípulo se preocupa com o mestre e com os colegas, tem uma visão global e quer ajudar. Ele está sempre de olho em criar novas maneiras para que a escola cresça e com isso os próprios colegas de treinamento possam melhorar. O discípulo quer produzir excelência, ele participa regularmente das aulas, faz os exames de graduação nas datas marcadas e ordenadas pelo mestre, evita chegar atrasado, não faz questionamentos descabidos.

O discípulo respeita e é respeitado, a sua patente mais alta não lhe sobe à cabeça. O discípulo sempre comunica ao mestre os seus passos dentro das Artes Marciais Chinesas, ele troca idéia com o mestre para ver se aquilo que deseja realizar é viável para todos. Não se trata de submissão, mas sim de respeito mútuo. O discípulo ajuda nos afazeres da escola sem que o mestre tenha que falar para que ele faça. O discípulo tem criatividade, iniciativa e boa disposição. O discípulo acha justo os valores cobrados na escola porque valoriza aquilo que está aprendendo, ele participa de cursos, campeonatos, seminários e etc., porque sabe que isto enriquecera o seu viver.

CONCLUSÃO:

Um bom aluno se tornará um discípulo. O bom discípulo se tornará um professor. O bom professor se tornará um mestre.

1. Um mestre não pode depender de uma escola, de uma instituição ou de um sistema.

Ele “mestra” por dileção, porque quer.

Existem mil coisas que ele sabe e pode fazer, portanto não depende de aulas para viver.

Se ele é um mestre, a instituição precisa mais dele que ele dela.

Por outro lado, o “professor” que depende da escola, tem que se render aos métodos e “didáticas” padronizados da escola que com certeza não funcionarão com a maioria dos alunos e isto o frustrará profundamente.

2. Um mestre não tem alunos, tem discípulos e para transformar um aluno em discípulo é necessário que o mestre “ganhe” a FÉ e a confiança do aluno (Rapport).

Ele não vai ensinar uma matéria ao aluno, mas é o guia que conhece todos os segredos que abrem as portas para o conhecimento.

3. O discípulo precisa entender que o conhecimento é um artigo caro, muito caro.

Mesmo em escolas públicas, este custo é alto, pois o dinheiro gasto em sua instrução seria suficiente para manter famílias, ou gerar melhorias sociais, tais como melhor atendimento médico à população. E é pago, por todos nós, inclusive pela família do aluno.

Mais tarde, estude ou não, ele mesmo irá reembolsar este valor, muitas vezes, através de impostos.

Se ele está lá para recebê-lo é porque de alguma forma fez por merecer.

Além disto, por traz dele, existem financiadores e expectativas que se decepcionarão muito se ele falhar.

É importante que ele entenda que a opção “saber” é dele, só dele e que se ele desistir, a responsabilidade também é dele, só dele, e que sua “falha” não lhe dá o direito de atrapalhar os que querem o saber.

Também é importante que ele saiba que, seja lá qual for sua opção de vida, o conhecimento será a chave para que ele seja o primeiro ou o último em sua organização.

Estes pontos são estabelecidos através de conversas francas e diretas com a classe e com a instituição.

É claro, isto exige que o professor seja realmente um mestre, que tenha cultura e conhecimentos à altura do desafio.

Os tipos de alunos e ou discípulos:

O visual: Tipo mais comum, pois é o mais apurado de nossos sentidos, desenvolve um entendimento “geométrico espacial ou paisagístico”, procura o melhor ângulo e posição para “observar” a classe, o mestre e os movimentos. Quando não entende algo, diz que “não viu” ou “não enxergou” como foi feito.

O auditivo: Desenvolve um entendimento “matemático ou musical”, prepara-se e se posta onde pode ouvir melhor, detesta barulho e freqüentemente reclama da “algazarra” dos outros. Quando pede explicação, alega que não ouviu direito.

O tátil: Aprende fazendo, desenvolve um entendimento “prático-mecânico”, só assimila a teoria, após vários exercícios feitos por ele, tem grande habilidade manual e quando não entende, pergunta “como você fez”.

O palatável: É aquele que fala o tempo todo, aprende por repetição, gosta de “decorar a matéria”, aliás, ele “saboreia as palavras”, desenvolve um entendimento “verbal ou lingüístico”, sempre pergunta “como você disse?” e repete qualquer texto e ou movimentos exatamente como foi dito e ou executado por você.

O olfativo: É um pesquisador nato, seu “faro” descobre pistas, correlaciona idéias, adora criar regras mnemônicas e desenvolver fórmulas, desenvolve um entendimento abstrato, “lógico ou intuitivo, mas sempre investigativo”, quando não entende, pergunta “qual mágica ou truque foi feito”.